



## Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

### África? Fica ali na frente...

Ladislau Dowbor

A Guerra Fria não era um assunto africano. No entanto, coincidiu com as independências africanas o auge de uma polarização internacional que desvirtuaria todas as tentativas de transformação social. É importante lembrar a importância do movimento que sacudiu o continente a partir da 2ª Guerra Mundial, a imensa onda de esperança, o grande esforço de libertação nacional, o surgimento de gigantes como Amílcar Cabral, Nelson Mandela, Julius Nyerere, Agostinho Neto, Samora Machel, Patrice Lumumba e tantos outros.

Com o movimento das independências, era natural que surgisse a transformação social. Mas criou-se um grande divisor de águas: independência sim, mas transformações sociais já implicariam socialismo, ou comunismo, e tudo era reduzido à opção por Moscou. E o que seria uma independência que não pudesse devolver as terras apropriadas pelos colonialistas, construir dinâmicas econômicas, sociais e culturais auto-centradas? Os que tentaram reformas, foram sistematicamente assassinados, como Lumumba, Amílcar Cabral, tantos outros...Teríamos doravante pessoas negras nos assentos do poder, mas os assentos continuariam os mesmos.

A viagem do Presidente Lula à África Austral não foi uma viagem de simples diplomacia, de cosmética política. Pela primeira vez, a região está em paz. Enfrenta o enorme desafio da reconstrução e é natural que, nesta etapa, esteja à procura de parceiros. O olhar natural, em nossos países, é em direção ao Norte, para os países desenvolvidos. Este olhar é necessário, mas igualmente importante é dirigirmos nossa atenção para os parceiros de infortúnio, os outros países do Terceiro Mundo, onde os problemas e as soluções são muito mais próximos.

A América Latina, entre outros pela proximidade do gigante norte-americano, também sofreu o impacto da guerra fria, do desenvolvimento econômico empresarial, considerado positivo, e do bloqueio social, considerado perigoso. Será preciso lembrar que Paulo Freire, professor de nossa Universidade, foi preso e exilado por uma coisa tão avançada como alfabetização?

Quando o Brasil, pela primeira vez, começa a tentar organizar forças políticas em torno de um maior equilíbrio social, os paralelos tornam-se óbvios. A África do Sul tem o mesmo nível de desenvolvimento econômico que o Brasil – uma renda *per capita* da ordem de US\$ 3 mil – e o mesmo *apartheid* social: a concentração de renda é praticamente idêntica nos dois países. A Namíbia, grande produtor de diamantes, não é um país pobre, como não o é Angola, com petróleo, diamantes e outras riquezas.

O problema que temos em comum não é essencialmente econômico, no sentido estrito: trata-se da construção de uma governança que assegure às populações chances efetivas de participação no produto social, no esforço de desenvolvimento e nos seus frutos. No plano interno, o imenso desafio de desenvolvimento e aprofundamento de instituições democráticas. No plano internacional, a conquista do respeito, da igualdade de chances, da presença articulada frente aos países ricos.

A viagem do Presidente Lula não foi um passeio diplomático. O chefe de um país do



# Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

porte do Brasil viajou com os seus ministros e dirigentes de instituições financeiras e empresas. Os países visitados entenderam o recado: trata-se da construção de uma ponte de cooperação. Como membro desta comitiva, pude observar um estilo de trabalho: reuniões políticas para concertação internacional e definição de rumos entre os chefes de Estado; reuniões técnicas entre ministros firmando convênios concretos de cooperação; e reuniões empresariais mistas para abrir oportunidades de investimento dos dois lados.

Como pano de fundo, a necessária costura de aproximações entre países relativamente mais pobres, que precisam se unir para abrir espaços. G3, G20 ou o que seja, já que estamos na era dos "Gs". No essencial, trata-se da construção de uma cooperação Sul-Sul que, tentada prematuramente há algumas décadas, adquire hoje um novo sentido.

Trabalhei sete anos em alguns destes países, ajudando a desenvolver instrumentos de planejamento e de gestão econômica. Tive a oportunidade de agradecer a hospitalidade que estes países nos asseguraram na era da ditadura. Encontrei exilados que criaram raízes e lá estão até hoje, agora entusiasmados com a possibilidade de contribuir nos relacionamentos.

Em Moçambique, encontramos o professor Jamisse Taimo, Reitor do Instituto Superior de Relações Internacionais, formado na PUC-SP. Discutimos, entre outras possibilidades, a elaboração de um estudo aprofundado sobre as raízes africanas do Brasil, envolvendo historiadores nossos e de diversos países africanos. De certa forma, o caminho da cooperação ganhou um quadro de referência oficial mais amplo e deveremos saber aproveitá-lo.

Há alguns anos, o então vice-presidente da Guiné-Bissau, Vasco Cabral, veio me visitar no Brasil. Olhando da sacada da minha casa de praia em Itanhaém, víamos o imenso mar. O africano teve um comentário simples: "Eu moro ali na frente...".

## **Ladislau Dowbor**

*Professor dos PEPG em Administração e em Economia*

Artigo publicado no Boletim **Rede Internacional nº 41**, 11-12/03